

A meretriz medieval na tradição da sátira misógina: a contribuição de Marbodo de Rennes¹

Pedro Carlos Louzada Fonseca²
Universidade Federal de Goiás
pfonseca@globocom.com

Recebido em: 21/03/2018
Aprovado em: 07/05/2018

Resumo :

A tradição misógina da Idade Média Ocidental manifestou a sua influência literária, nos séculos XI e XII, por meio de um tipo de crítica satírica da realidade feminina escrita em latim. Uma das figuras mais representativas dessa literatura de intenção satírica, ao lado de Walter Map e André Capelão, é Marbodo de Rennes (c. 1035-1123), cujo *De meretrice* (Sobre a meretriz) constitui o objeto de estudo e análise crítica desse artigo.

Palavras-chave: Misoginia medieval; literatura satírica; Marbodo de Rennes.

Abstract :

The misogynistic tradition of the Western Middle Ages manifested its literary influence in the eleventh and twelfth centuries by means of a kind of satirical criticism of the feminine reality written in Latin. One of the most representative figures of this literature of satirical intention, besides Walter Map and Andre the Chaplain, is Marbod de Rennes (c. 1035-1123), whose *De meretrice* (The Whore) is the object of study and critical analysis of this article.

Keywords : Medieval misogyny; satirical literature; Marbod de Rennes.

CAPITULUM III.

DE MERETRICE.

Innumeros inter laqueos callidus hostis,
Omnes per mundi colles camposque tetendit,
Maximus est, et quem vix quisquam fallere possit.
Fœmina, triste caput, mala stirps vitiosa propago,
Purissima quæ totum per mundum scandala gignit;
Quæ lites, rixas, et duras seditiones
Excitat, et veteres bello committit amicos,
Separat affectus, natos cicit atque parentes:
Parva loquor, reges solio movet, atque tetrarchas,
Gentes collidit, quatit oppida, diruit urbes,
Cædes multiplicat, lethalia pocula miscet;
Per villas agrosque furens, incendia jactat.
Dedique nulla mali species grassatur in orbe,
In qua non aliquam sibi sumat femina partem.
Invidus est sexus, levis, iracundus, avarus,
Et circa potum nimius, ventrisque voracis;

Edição fac-similar de *De meretrice*. In: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiæ cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, cols. 1698-1699.

Disponível em: < http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123_Marbodus_Redonensis_Episcopus_Liber_Decem_Capitulorum_ML_T.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014.

Uma das mais singulares expressões de idealização do sentimento amoroso dedicado à mulher na arte e na literatura ocidentais (BLOCH, 1995: 18-19) consistiu na criação do chamado amor cortês ou cortesia amorosa, origem da história do amor romântico que, inventado em algum momento entre o início e o meio do século XII nos mais desenvolvidos meios literários da Europa Ocidental, deixou marcas dos seus desdobramentos culturais nos séculos seguintes e até mesmo nos dias de hoje. Entretanto, de forma irônica, mas perfeitamente explicável em termos ideológicos, sócio-históricos e culturais, em pleno florescimento dessa cultura amorosa na Idade Média, coexistiu com essa complexa apologia ao ideal feminino uma contrafrásica atitude declaradamente derogatória e crítica da figura da mulher.

As nuances dessa derrogação misógina vieram a se expressar satiricamente em escritores dos séculos XI e XII, os quais, a exemplo do seu precursor Marbodo de Rennes, e de Walter Map e André Capelão, seus seguidores, cultivaram uma aferrada tradição satírica contra a figura feminina, cujas raízes podem ser encontradas não só na Antiguidade e na tradição bíblica judaico-cristã, mas também nos longos séculos em que a chamada literatura patrística e o seu legado medieval cuidaram em fixar definitivamente os princípios e regras fundamentais do pensamento e das atitudes misóginas no mundo Ocidental.

A fim de se aquilatar o peso dessa tradição satírica representada por Marbodo de Rennes em seus desdobramentos, alguns comentários sobre o tema devem ser feitos acerca dos seus seguidores mais aproximados, Walter Map e André Capelão. No contexto dos textos misóginos em latim medieval, que cuidaram em perpetuar a tradição satírica contra a mulher, principalmente enquanto realidade potencial para o casamento, e a tradição apologética do celibato masculino enquanto realidade destinada à superior vida intelectual e religiosa do homem, destaca-se a figura de Walter Map (Gauteri Mahap, 1140 - c. 1209).

Além de outros escritos merecedores de apreciação literária, por volta de 1180, Map escreveu, em formato de carta, a sua conhecida *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat* [Dissuasão de Valerius ao filósofo Ruffinus para não tomar uma esposa]. Antes de começar o texto propriamente dito, Map faz uma breve introdução lamentosa do que considera ser deplorável o estado físico e emocional em que se encontrava um amigo seu filósofo que havia decidido tomar para si uma esposa, prejudicando a sua dedicação aos estudos em favor do amor venéreo. Comenta que esse homem assim depauperado se encontrava no aperto da paralisia de Vênus; que todo ele parecia um ignóbil pretendente, em nada, um filósofo. Entretanto, ele esperava que ele se recuperasse depois desse lapso.

Assim contextualizando o motivo que o havia levado a escrever *Dissuasio Valerii ad Ruffinum philosophum nec uxorem ducat*, comenta Walter Map que, para preencher todas as boas tentativas de amizade, havia escrito e enviado uma carta de dissuasão ao infortunado amigo para não tomar uma esposa, na qual havia alterado os nomes, dando a si mesmo o de Valerius e a ele, o seu amigo João, um ruivo (Lat. Rufus), o de Ruffinus, dizendo ainda que havia intitulado a carta como “A carta de Valerius to Ruffinus, o filósofo, contra o casamento.”

Walter Map, na voz do seu *alter ego* Valerius, começa a sua carta propriamente dita, evidenciando, já desde o seu começo, uma disposição quase que deleitosa por um jogo de ambivalências retóricas críticas, baseado no emprego de uma espécie de metaforização alusiva repleta de conceitualismos misóginos que revelam um escritor empenhado em garantir qualidades literárias e aprimoramento estilístico dentro dos padrões da mais acerba crítica satírica à figura da mulher.

É em sintonia com esse tipo de literatura satírica misógina escrita no latim medieval que surgiu o polêmico, porque a princípio ambíguo nas suas intenções, *De*

amore [Sobre o amor], escrito por volta de 1185 por André o Capelão, ou André Capelão (Andreas Capellanus, 1150 - 1220), fiel seguidor da tradição satírica conservada por Marbodo de Rennes.

O *De amore*, de André Capelão é uma obra feita ao feitio paródico e satírico, repleta de críticas e gozações acerca dos refinamentos do amor cortês ou da cortesia amorosa ao modelo medieval do século XII, cheia de questões, respostas e modelos de debates sobre temas ligados à prática amorosa, tudo isso colocado dentro de uma estrutura geral de composição que lembra vagamente a *Ars amatoria*, de Ovídio.

Dessa forma, em direção emuladora a Ovídio, André Capelão compõe o seu *De amore*, que se apresenta estruturado em três livros. No Livro III, André Capelão carrega em grau paroxístico o teor de uma radical atitude crítica e satírica, de cunho professadamente misógino, que perpassa toda a obra do autor. Nele, vazado num discurso de extrema denegação e de acusação maledicente dos defeitos e vícios atribuídos à mulher, o autor expõe as suas ditas justas razões do porquê não se dever amar uma mulher.

Embora, no prefácio do livro, o autor tenha prometido apresentar, ao modelo do *Remedia amoris* [Remédios do amor], de Ovídio, um lenitivo ou um guia salutar para remover os tormentos desse sentimento daqueles que se acham vítimas dos seus desafetos, isso não acontece na prática, porque o livro é mais uma forma de repúdio imediato ao amor do que um consolo e cura para o desamor. Imbuído desse propósito, o Livro III do *De amore*, de André Capelão, discorre os seus argumentos misóginos para provar porque não vale a pena amar uma mulher, construindo um discurso composto de uma miscelânea de argumentos religiosos, morais e prudenciais, tais como, o amor sexual ofende a Deus, danifica as amizades, prontifica a violência e os piores perjúrios e outros tantos crimes mais de semelhante danação. Esse mesmo amor escraviza e faz o homem perder a sua reputação pública, trazendo-o para a influência do mal, debilitando-o ainda no corpo e na alma.

Depois de todo esse arazoado misógino, André Capelão parece dar a entender que, apesar de ele ser de parecer que a fornicção com uma mulher desfigura a dignidade do homem, ele se contém em proceder a uma análise da natureza e da condição da mulher para provar que essa natureza e essa condição feminina são, na verdade, as causadoras dessa decadência do homem em atividade de amor carnal com uma mulher. Diz André Capelão que não fará essa análise porque isso seria ampliar-se

por demais na discussão de um tópico que, além de insípido e tedioso, poderia ser interpretado negativamente como uma condenação da Natureza (*De amore*, III. 52-53), ponto de vista esse, conforme visto anteriormente, compartilhado por São Jerônimo em *Adversus Jovinianum* (JEROME, 1892, I. 8), em que o santo parafraseia São Paulo quando diz da aquiescência ao casamento apenas como atitude a ser adotada para se evitar que a natureza feita por Deus não seja condenada.

É no âmago desse tipo de literatura satírica, escrita em latim medieval e recorrente a essa arraigada tradição misógina acima referida, que pode ser situado Marbodo de Rennes (Marbodius Redonensis Episcopus, c. 1035-1123). Marbodo fez seus estudos e chegou a lecionar na escola da Catedral de Angers e, quando sexagenário, tornou-se Bispo de Rennes na Bretanha. Em termos de vocação e de qualidades literárias, sua dedicação à escrita ficou distinta por abranger um vasto repertório de tópicos que tratava com grande tenacidade, distinguindo-se com frequência pelo seu elaborado esmero estilístico, como é o caso da sua complexa forma versificatória marcada preferencialmente pelo emprego do hexâmetro leonino.

O *Liber decem capitulorum* [Livro com dez capítulos], de Marbodo de Rennes, selecionado para estudar a presença da misoginia na tradição satírica no latim medieval, com expressão e tratamento muito de perto verificados nos moldes da prática herdada da tradição satírica antiga, conforme se comentou anteriormente, justifica-se por enfeixar na sua composição um dos capítulos mais acerbos do que pode ser considerado como exemplo antológico de literatura misógina medieval acerca do mau caráter, viciosidade moral e malignidade natural da mulher de todos os tempos, quer mitológica, quer historicamente considerada. Trata-se do terceiro capítulo do citado livro de Marbodo de Rennes, intitulado *De meretrice* e traduzido livremente ora como *Sobre a prostituta*, ora, de forma mais atenuada, como *A mulher má*. Entretanto, no seu conjunto de capítulos, nem todo o *Liber decem capitulorum* merece ser estigmatizado por sua malévola e desencantada opinião acerca da realidade feminina.

Parecendo ter sido escrito na velhice do autor, por trazer reminiscências suas de uma carreira literária que começou no que ele, agora na idade adulta, considerava ter sido de certa leveza juvenil, o que torna interessante a composição do *Liber decem capitulorum* é o fato de o seu já mencionado Capítulo III poder formar, juntamente com o Capítulo IV, intitulado *De matrona* [Sobre a boa mulher], um par dialético, na medida em que esses dois capítulos gêmeos e emparelhados podem ser lidos de forma

contrapositiva e antitética. Nessa formação, a postura religiosa maniqueísta da mentalidade religiosa medieval, postulante do bem tético em defesa contra o mal antitético, pode ser entendido pelo fato de o Capítulo IV, *De matrona*, que trata da boa mulher, vir colocado depois do Capítulo III, *De meretrice*, que trata da mulher má, reproduzindo-se aqui ainda o esquema bíblico da redenção do mal pelo bem, na medida em que a viciosidade da *meretrix* torna-se resgatada pela virtuosidade da *matrona*.

Tendo por base esse expediente retórico de tratamento dicotômico, pode-se considerar a hipótese de que a prática do discurso misógino durante o período medieval, muitas vezes representada pelo costume de se fazer imprecações contra a mulher simplesmente pelo gosto de fazê-las, não passou de um mero jogo de fórmulas retóricas para a demonstração de destrezas e de dotes literários. Nesse sentido, muitos escritores misóginos medievais, a exemplo de Marbodo de Rennes, conforme comentado anteriormente, emparelham desportivamente ataque e defesa da mulher. Entretanto, considerar o exercício da misogina como um mero jogo ou um desporto, ainda assim não isenta essa prática do pejo da discriminação e de recortes ideológicos violentos, pois, na verdade, sempre foi a mulher vítima de um processo de sujeição, um objeto enquadrado por um jogador masculino arrogado em prerrogativas do seu próprio gênero e posicionado em situação de controle e de domínio.

Ainda considerar o caso de o discurso misógino, tal qual praticado na Idade Média, poder ser equacionado a essa metáfora estilística do jogo como um exercício de habilidades retóricas, representa um grande risco, ou seja, o perigo de subestimar e de desvalorizar uma questão de tão grandes efeitos sociais, históricos, culturais e materiais. Isso porque, apesar de poder ser reconhecido existir, no tratamento da misoginia medieval, certo gosto pelo debate e pela polêmica e mesmo certa disposição bélica, muitas vezes lúdica, entre os sexos opostos, também existiu muito de provocação tendenciosamente ideológica e política nesse confronto para que ele possa ser considerado simplesmente como um embate jocoso e desportivo. Nesse caso, basta ser lembrado que, como saldo desse debate misógino, resultou, entre outras coisas, a incriminação da responsabilidade feminina na Queda e no Pecado Original e, daí, a continuação da exclusão da mulher da história e da vida pública.



“Vita della meretrice” [Vida da prostituta], M. Merli da Capri.
 (Incisore di scuola italiana attivo durante la prima metà del XIX° secolo).
 Incisione originale all'acquaforte firmata e datata in lastra in basso a sinistra
 “M. Merli da Carpi dis. e inc. 1830”, pubblicata e venduta a Bologna
 dall'editore Antonio Landini nello stesso periodo. Bellissimo esemplare
 stampato su di una porzione di carta vergata recante al centro una filigrana
 letterale, completo dell'impronta della lastra e con piccoli margini, in stato
 generale di conservazione pressoché perfetto. Rara stampa di impostazione
 popolare nella quale, all'interno di dodici scenette sono illustrate varie
 vicende inerenti Il “mestiere più antico del mondo”. Un esemplare come il
 nostro fa parte del Fondo Davoli della Biblioteca Panizzi di Reggio Emilia.
 Disponível em:
http://www.renzocampanini.it/index.php?cat=9&operaid=3276&title=il_mestiere_piu_antico_del_mondo Acesso em: 12 jan 2015.

Marbodo de Rennes começa o seu *De meretrice* comentando acerca das incontáveis armadilhas que o intrigante inimigo, isto é, o demônio, coloca nos caminhos e campinas do mundo. Essa metáfora da mulher na vida do homem como a maior e mais perigosa armadilha posta pelo demônio, referida em suas mais denegridas imagens em *Eclesiastes 7: 27*, é de obsessiva frequência na literatura misógina da Idade Média, a exemplo do livro intitulado *Les Quinze Joyes de Mariage* [As quinze alegrias do casamento] (1985), atribuído a Antoine de la Sale no século XIV.

Continua Marbodo de Rennes, invocando agora o consagrado arrazoado teológico da Criação para justificar a mulher ser demoniacamente a maior armadilha do homem, dizendo que dela se pode dificilmente escapar, porque ela é a origem infeliz, raiz do mal e descendente corrupto, que traz desde o nascimento toda a sorte de ultraje ao redor do mundo. Tudo isso porque é a mulher uma grande instigadora de brigas, conflitos,

medonhas dissensões. Ela provoca brigas entre velhos amigos, divide afeições, estilhaça famílias, lembrando esse comentário muito de perto o que diz Ovídio em *Amores* OVID, 1977-1989, vol. I, II. 12), quando o poeta discorre sobre a mulher como causa de guerras e de conflitos ao redor do mundo, e São Jerônimo em *Adversus Jovinianum* (1892, I. 48), quando comenta, numa terrível sucessão de tiradas críticas, acerca dos péssimos exemplos de mulheres da cultura romana.

Comenta Marbodo de Rennes que tudo isso que diz não passa de superfluidades comparado com o fato de ser a mulher capar de depor reis e príncipes do trono, fazer nações chocarem umas contra as outras, convulsionar e destruir cidades, multiplicar assassinatos, misturar venenos letais, arremessar conflagrações enquanto causa desordem nas fazendas e nos campos. Ecoando o que diz Juvenal na *Sátira VI*, 242-243 acerca da mulher, sumariza, na coluna 1698, linhas 1-14 do *De meretrice*, o exímio entusiasta da predicação compulsiva qualificadora do mal feminino em todas as direções e lugares dizendo que nenhuma manifestação do mal tocaia o universo, na qual a mulher não reclama alguma parte para si mesma.³

No que se segue, na coluna 1698, linhas 15-24 do *De meretrice*, o incansável detrator da natureza e do caráter da mulher comenta sobre a sua sexualidade, dizendo que o sexo feminino é invejoso, caprichoso, irascível, avarento e seu estômago se destempera com bebida e com voracidade. Completa dizendo que a mulher saboreia vingança e está sempre ofegante pela posição superior, sem manifestar o menor desconforto com o crime ou com o engano, conquanto que ela ganhe; ela sempre está determinada em adquirir o que quer, seja através de meios justos ou faltosos, sendo que para ela nada parece ilícito se lhe for prazeroso; ela desmente a sua própria aparência, escondendo os seus esquálidos segredos.

Marbodo de Rennes, à guisa de conclusão sobre a índole e a moral femininas, sempre muito temporária porque constantemente retomada no decorrer do seu discurso misógino, diz que finalmente a mulher é uma mentira sem vergonha; que não é de forma alguma inocente do crime da intriga que pratica; que ela, ora escancarando-se na riqueza, ora queimando-se com a chama da luxúria, é sempre uma tagarela e inconfiável criatura; e que, coroando todo esse mal caráter feminino, encontra-se o seu pior defeito, isto é, a arrogância.

A seguir, na coluna 1698, linhas 25-33 do *De meretrice*, Marbodo de Rennes passa a comentar os feitos e as ações perniciosas que o vicioso mau caráter feminino

tem provocado através dos tempos, citando célebres exemplos buscados em passagens bíblicas e em casos da antiga mitologia e da história dos tempos pagãos, tradicionalmente glosados no discurso misógino medieval. Nesse sentido, diz que a mulher munida com os seus vícios subverte o mundo. Entretanto, repetindo a imagem paradoxal do doce mal feminino, bastante glosada em virtude do complexo psicosssexual que parece caracterizar o androcentrismo do discurso misógino, Marbodo de Rennes diz que esse doce mal feminino é composto de favo de mel com veneno. Assim caracterizada, a mulher espalha mel em sua espada para traspassar os corações do homem inteligente.

No que se segue, Marbodo de Rennes, numa coleção de perguntas retóricas, pois servem simplesmente para enfatizar as suas reflexões, principalmente no nível estilístico, acerca do desastre que é a mulher, pergunta e responde dramaticamente: Quem urgiu os primeiros pais a provar o que era proibido? Uma mulher. Quem conduziu um pai a corromper as suas filhas? Uma mulher. Quem eliminou a força de um homem quando o seu cabelo foi cortado? Uma mulher. Quem cortou a cabeça sagrada de um homem justo com uma espada? Uma mulher, que empilhou crime em cima do crime da sua mãe, e marcou chocante incesto com ainda mais chocante assassino. Todos esses crimes de agência feminina, Marbodo de Rennes, tentando a eficácia retórica que o *topos* da *auctoritas* proporciona, vai conferi-los primeiramente em notáveis casos bíblicos, sendo, respectivamente, as referências acima feitas a Eva; às duas filhas de Lot, sendo que a mais velha propôs embebedar o pai para com ele copularem a fim de preservar a sua semente, conforme pode ser lido em Gênesis 19: 31-38; a Dalila e a Salomé que, por exigir a cabeça de João Batista, adicionou assassinato ao crime do incesto entre a sua mãe, Herodias, e Herodes Antipas, conforme pode ser lido em Mateus 14: 1-11.

Continua Marbodo de Rennes essa lista de mulheres criminosas, na coluna 1699, linhas 34-44 do *De meretrice*, ainda citando conhecidos casos bíblicos de homens de boa fé que foram vitimados pelas armadilhas demoníacas de mulheres licenciosas. Pergunta, quem, senão a mulher sedutora, desviou Davi, o sagrado, e quem desencaminhou o sábio Salomão com doce encanto, de forma que um se tornou adúltero e o outro cometeu sacrilégio, ecoando as palavras de São Jerônimo na *Epistola 22, ad Eustochium* [Carta a Eustóquio] (1892, XII: 100-137). Diz ainda que deixa de mencionar muitas outras mulheres de estirpe semelhante às que está a relacionar e que

se encontram catalogadas na página sagrada como, por exemplo, a terrível Jezebel e Atalia, que ousou cometer hediondo pecado, esta usurpando o trono matando os seus legítimos herdeiros, conforme pode ser lido em Reis 4. 11: 1, e aquela que perseguiu os profetas sadisticamente, conforme pode ser conferido em Reis 3. 21: 7, e outras tantas mais que são desnecessárias serem enumeradas.

Depois de sentir-se suficientemente justificado com a lembrança dessas malévolas mulheres bíblicas, Marbodo de Rennes passa a mencionar, dizendo que o faz de passagem, muitas outras famosas mulheres por seus delitos, tradicionalmente mencionadas em obras de poetas e de historiadores, a saber, Erifile, Clitemnestra, Belides, Procne (OVID, 1982, III. 9-43) e aquela prostituta gerada por Leda, que foi disputada na guerra de dez anos de Troia, e outras também cujas histórias os poetas trágicos frequentemente relembram para as pessoas.

Estrategicamente, conforme pode ser observado acima, depois de discorrer sobre as más mulheres na Bíblia na literatura e na história, Marbodo de Rennes, na coluna 1699, linhas 45-56 do *De meretrice*, passa finalmente a comentar sobre as figuras femininas da sua conhecida tradição mitológica. Encabeça a lista dessas monstruosas e fatídicas figuras com a referência à Quimera, que diz ser exemplo emblemático desse terrível monstro que é a mulher, o qual deve ser evitado. Diz que, com justo merecimento, a esse monstro feminino foi-lhe dada uma forma, sendo a parte da frente em feitio de leão, a traseira em formato de cauda de serpente, e as partes do meio constituídas nada mais do que por uma chama vermelha quente. Ao constituir as partes do meio da Quimera como formada por intenso fogo avassalador, Marbodo de Rennes, fugindo da usual representação dessas partes como as de uma cabra, segue, entretanto, a clássica figuração ígnea que Ovídio faz desse monstro nas *Metamorfoses* OVID, 1977-1979, vol. III, IX. 647). A conotação moralizante dessa imagem encontra-se, entre outros, exemplarmente referida por Bernardo Silvestre (Bernardus Silvestris, 1085-1178) no seu conhecido comentário que faz dos seis primeiros livros da *Eneida*, de Virgílio (1979).

Na esteira moralizadora dessa figura da Quimera enquanto equacionada a uma das mais significativas representações do mal feminino, Marbodo de Rennes, por sua vez, alegoriza de forma dramática a representação dessa imagem dizendo que ela imita a natureza de uma prostituta por se apoderar do estragado para carregar em sua boca de leão, enquanto finge que é algo com uma impressionante e quase nobre aparência. Com

essa fachada, assim falsamente imposta, ela consome os seus cativos nas chamas do amor, nas quais nada de substância ou de peso é visto, somente luxúria frívola, irracional e furiosa. As partes de traz são repletas de veneno fatal porque morte e danoção encerram os prazeres sensuais.

Depois de tentar o impressionante na figuração do mal feminino conferido na mitológica Quimera, Marbodo de Rennes, na coluna 1699, linhas 58-69 do *De meretrice*, se refere a outro terrível monstro igualmente portador de denegridos atributos do feminino, não menos digno de destaque por sua malignidade, a turbulenta Caríbdis, que é conhecida por sugar e arrastar irremediavelmente para a morte tudo que está perto dela. Aqui, a referência feminizadora a Caríbdis de Marbodo de Rennes pertence, como no caso da famosa Scila, ao legado da antiga mitologia, em que ambas personificavam, como figuras de monstros predadores de navios, os rochedos que flanqueavam o traiçoeiro Estreito de Messina. Na sequência dessa notável lista misógina de referência a monstros femininos destruidores dos homens, Marbodo de Rennes coloca a Sereia, dizendo que ela, como Caríbdis, era conhecida por atrair os tolos e incautos homens com as suas amoráveis melodias, arrastando-os em direção a ela quando atraídos, e quando eles eram arrastados ela os mergulha no abismo aniquilador. Mas Ulisses safou-se dessa sina, adverte Marbodo de Rennes. Ele tapou os ouvidos da sua tripulação às notórias canções, enquanto fisicamente se refreou de ser capaz de mudar o seu curso, por ser amarrado com cordas ao mastro do veloz navio. Não menos sucedidamente ele enganou os doces venenos da má Circe. Aqueles que o bebiam tomavam a forma de bestas selvagens, transformados em semelhança a cachorros e porcos sujos. Tais animais assim seduzidos, continua Marbodo de Rennes, significam aqueles degenerados e sensualistas por viverem a vida de um rebanho de animais debaixo da onda da luxúria. A máxima moralizadora dessas referências lendárias e mitológicas a aberrações femininas, que comprometem por sua natureza e sexualidade a integridade física, moral e espiritual do homem, não poderia estar de forma mais catequética colocada por Marbodo de Rennes.

E é mesmo nesse sentido moralizador que, na coluna 1699, linhas 71-82 do *De meretrice*, Marbodo de Rennes predica com um tom apostrofado ao estilo sermonístico concitando, com grande temor e aparente aversão, duas características fundamentais da medo misógino constante do complexo androcêntrico, os homens a terem cuidado com os melosos venenos, as doces canções e com os arrastamentos para as profundezas

negras; a não deixarem o encanto de aparências artificiais seduzi-los; e a estarem temerosos das chamas destrutíveis e da feroz serpente. Isso porque, se uma bela mulher os corteja com o objetivo de os enganar, e se eles têm tal confiança em si mesmos que de coração firme se preparam para entrar na briga, eles se enganarão a si mesmos com ignorância, se desprezam os dardos do inimigo. Não é a regra nesse tipo de luta que os homens possam ganhar em combate de perto. É melhor empreender uma recuada e alcançar segurança com os seus próprios pés. Se os homens correrem, vão fugir; se aproximarem, vão ser pegos. Então, diante desse dilema, o conselho final de Marbodo de Rennes é a adoção da tradicional postura misógina maximamente recomendada pela visão religiosa acerca da proximidade feminina: ficar longe da mulher, não ir atrás dela, porque alguém que brinca com desejo, diz ele, pode ser transformado em pedra pela simples mirada da Górgona.

Finalmente, na coluna 1699, linhas 84-90 do *De meretrice*, depois de toda essa exposição e arrazoado feitos em relação ao que de ruim e de perdição representa o lado malévolos da mulher, Marbodo de Rennes coroa o seu tom catequético moralizador com a prédica doutrinária de fundo e de objetivo religiosos, servindo-se da parábola do *homo viator* que deve estar sempre munido de cautela e de piedade, respaldado pelas insígnias da fé cristã para pode atravessar ileso o turbulento mar das seduções e das perdições femininas. Com a expressiva alegoria da barca, tão cara à cosmovisão medieval principalmente em sentido religioso, aconselha Marbodo de Rennes, com o afã da voz de um pregador convicto da sua missão de redenção cristã e misógina, a quem quer que seja que busque os calmos mares da terra na barca da Igreja que, a fim de chegar ao porto desejado da terra natal, evitando assim canções sonoramente doces e atrações perigosas, deve bloquear e proteger o ouvido com a doutrina da lei e manter-se amarrado à madeira com a corda do medo divino, pois a madeira é a cruz da nossa salvação, como o mastro do navio, o qual não é sem vergas das velas, que são os braços da cruz. Assim, dessa forma elaboradamente alegórica, Marbodo de Rennes, de forma doutrinária e piedosa mistifica, com a ideologia e a ordem política de insígnias máximas da fé cristã, o ulissiaco exemplo intemerato do paganismo clássico, símbolo de uma ética épica e androcentricamente sancionada.

Fontes

MARBODUS REDONENSIS EPISCOPUS. De meretrice. In: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, cols. 1698-1699. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123_Marbodus_Redonensis_Episcopus_Liber_Decem_Capitulorum_MLT.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014.

_____. De matrona. In: _____. MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, cols. 1699-1702. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123_Marbodus_Redonensis_Episcopus_Liber_Decem_Capitulorum_MLT.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014.

Referências

BERNARDUS SILVESTRIS. *Commentary on the First Six Books of Virgil's 'Aeneid.'* Tr. E. G. Schreiber and T. E. Maresca. Lincoln: University of Nebraska Press, 1979.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CAPELLANUS, Andreas. *Andreas Capellanus on Love*. Ed. e trad. P. G. Walsh. London: Duckworth, 1982.

HOLY BIBLE, THE. Tradução da Vulgata Latina. Belfast, ed. de 1852.

JEROME, St. Letter 22, to Eustochium. In: _____. *The Principal Works of St Jerome*. Ed. P. Schaff and tr. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company, 1892, p. 100-137.

_____. Against Jovinian. In: _____. *The Principal Works of St Jerome*. Ed. P. Schaff and tr. W. H. Fremantle. Christian Classics Ethereal Library, Nicene and Post-Nicene Fathers, series II, v. 6. Grand Rapids, Michigan: WM. B. Berdmans Publishing Company, 1892, p. 779-907.

JUVENAL. Satire VI. In: _____. *The Satires of Juvenal*. Tr. R. Humphries. Bloomington: Indiana University Press, 1958, p. 64-85.

LA SALE, Antoine de. *The Fifteen Joys of Marriage*. Tr. B. A. Pitts. New York: Peter Lang, 1985.

MAP, Walter. The Letter of Valerius to Ruffinus, against Marriage. In: JAMES, M. R. (Ed. e trad.), *De nugis curialium, Courtiers' Trifles*. Rev. C. N. L. Brooke e R. A. B. Minors. Oxford: Clarendon Press, 1983, p. 287-313.

MARBODUS REDONENSIS EPISCOPUS. De meretrice. In: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, cols. 1698-1699. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123_Marbodus_Redonensis_Episcopus_Liber_Decem_Capitulorum_MLT.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014.

_____. De matrona. In: _____MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, cols. 1699-1702. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/1035-1123_Marbodus_Redonensis_Episcopus_Liber_Decem_Capitulorum_MLT.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014.

OVID. *Heroides, Amores; Art of Love, Cosmetics, Remedies for Love, Ibis, Walnut-tree, Sea Fishing, Consolation; Metamorphoses; Fasti; Tristia, Ex Ponto*. Ed. Goold, G.P. et al., vol. III. Loeb Classical Library. Cambridge, Mass. / London: HUP, vols. I-VI, 1977-1989.

_____. Ars amatoria. In: _____. *Ovid: The Erotic Poems*. Tr. P. Green. Harmondsworth: Penguin, 1982, p. 98-214.

¹ Esta é uma versão revista e expandida de um artigo do autor publicado em revista acadêmica (*Via Litterae*, v. 7, n. 2, 2015). A reelaboração do texto do artigo aqui apresentada consiste na ampliação do seu referencial teórico-comparativo e analítico, procedimento que confere ao texto originalidade crítica em novos aspectos discutidos.

² Ph D em Romance Languages and Literatures pela University of New Mexico, USA.

Nota

³ Marbodus Redonensis Episcopus. De meretrice. In: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus, Liber decem capitulorum*. Series latina. Paris: 1844-1890, 171, col. 1698, ls. 1-14. Disponível em: <http://www.documentacatholicaomnia.eu/02m/10351123_Marbodus_Redonensis_Episcopus_Liber_Decem_Capitulorum_MLT.pdf>. Acesso em: 03 maio 2014. Todas as referências a passagens citadas dessa edição de *De meretrice* serão, no decorrer deste trabalho, a exemplo da presente citação, para efeito de melhor propriedade de localização, referidas apenas em relação às colunas e linhas em que se encontram.